

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 152 — Domingo, 6 de Maio de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

JARDINS-ESCOLAS

A AFIRMAÇÃO de que as crianças de hoje são os homens de amanhã constitui um lugar-comum. Mas é bom não reechar os lugares comuns, quando eles correspondem a importantes verdades. Bem sabemos que se trata de verdades que todos, gregos e troianos, reconhecem e aplaudem. Mas nem por isso mesmo, nem por conhecerem, troianos e gregos, que do futuro das crianças depende o futuro do País, esse futuro está mais assegurado, ou é mais cuidado, aí, onde podia e devia ser mais cuidado, nas crianças.

De facto, os pequenos portugueses estão abandonados até à ida de escolar. Abandonados à família, aos pais, aos irmãos, tantas vezes pouco mais velhos, e à rua. A criança portuguesa, até aos 7 anos, cria-se em casa ou na rua. E quer o lar quer a rua não oferecem as condições necessárias para educar os portugueses de amanhã.

Não oferece essas condições tanto o lar pobre como o lar rico. A mulher que trabalha a dias, a operária, a costureira, não têm a cultura indispensável para educar os seus filhos. A mulher das classes altas, absorvida por uma frívola vida da sociedade, não tem igualmente a cultura necessária para cuidar dos futuros homens e das futuras mulheres. O desabrochar duma criança é demasiado delicado. E os pais são quase sempre observadores grosseiros, vaidosos e absolutamente falhos de preparação.

Desde os quatro anos que a criança pode ser *cultivada* intelectualmente. Desde os quatro anos é possível educar-lhe satisfatoriamente a atenção, treinar-lhe os sentidos, ministrar-lhe as primeiras noções. Abandonada em casa a uma criada boçal ou abandonada na rua a todos os contágios, a maioria das crianças portuguesas não é proporcionado o ambiente formador que lhe é indispensável. Para suprir os

graves inconvenientes do abandono em que a criança portuguesa se encontra, há muitos anos que um homem, ignorado por uns, desatendido por outros, esquecido muitas vezes, trabalha generosa e porfiadamente. Esse homem é João de Deus Ramos.

João de Deus Ramos era um grande amigo das crianças portuguesas. Os seus métodos terão sido já ultrapassados, aqui e além, no estrangeiro. Mas, em Portugal, o que há de melhor — os «Jardins-Escolas» — são obra sua, devem-se-lhe. São o produto do trabalho de um homem com real propensão pedagógica, idealista sincero e dotado de capacidade de realização. Qualidades que entre nós não é fácil encontrar-mos reunidas, divorciadas como andam, na grei, o devanear e o tacto da realização. Foi ele o verdadeiro iniciador da educação infantil em Portugal. Infelizmente e apesar dos seus esforços, o número de «Jardins-Escolas» é limitado. Em Lisboa existe apenas um, e a educação infantil em Lisboa e no resto do País não passa de um sonho bom.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

EXCURSÃO DO INSTITUTO LABORAL DE ARACENA

Em excursão de estudo e recreio, estiveram nesta vila o alcaide da linda e pitoresca vila espanhola de Aracena, acompanhado de 37 alunos e três professores do Instituto Laboral.

Acompanharam os visitantes, nesta visita a Portugal, os srs. D. Enrique Navarro Nieto, vice-presidente do Município aliamontino, os directores do Instituto Laboral da vizinha cidade fronteiriça e o rev. Padre D. Fernando Larainza, vice-director do mesmo estabelecimento de ensino.

ASPECTOS DA VIDA MODERNA

A INSTRUÇÃO DO POVO

POR MARCOS ALGARVE

PASSAM, nesta Primavera irregular, cinquenta anos que fui a Lisboa tratar de um assunto que muito preocupava nesse tempo o meu espírito moço — a instrução do povo.

Travei nesta altura relações com o Dr. João de Deus Ramos, filho do notável poe-



O sr. presidente da Direcção da Casa do Algarve agradecendo a recepção na Câmara de Torres Vedras

UMA INICIATIVA DA CASA DO ALGARVE

ROMAGEM AO TÚMULO DE S. GONÇALO DE LAGOS EM TORRES VEDRAS

CONSTITUIU acontecimento digno de especial registo a romagem que a Casa do Algarve realizou, no dia 22 do mês findo, ao túmulo de S. Gonçalo de Lagos, em Torres Vedras, vila cuja história tem traços comuns com a do Algarve.

Compunham a caravana algumas das mais destacadas figuras algarvias em Lisboa e dedicadíssimos dirigentes da nossa casa re-

gional. Como representantes desta, deslocaram-se a Torres Vedras os srs. major Mateus Moreno, presidente da Direcção; eng. dr. José António Madeira, que representava os srs. conselheiro Sousa Carvalho e dr. Ferreira de Almeida; drs. José de Sousa Carrusca, Garcia Domingues e D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, major José de Sousa Nunes, Hermenegildo

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



Osromeiros visitando as ruínas de Torres Vedras, vila à qual ficou ligado S. Gonçalo de Lagos

JOÃO PENHA

O AUTOR DE UM HINO

PARA A FILARMÓNICA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Pelo Eng. SILVA CARVALHO

O JORNALISMO feito no intuito duma cultura popular deve preocupar-se em matérias de divulgação, postas sob a forma de sínteses claras e compreensivas. No intuito de não fugirmos das normas deste programa, vamos hoje traçar umas ligeiras notas acerca desse grande poeta que se chamou João Penha. Evidentemente não passaremos dummas quantas generalidades. E para os leitores mais exigentes, aconselhamos o estudo de Seabra de Albuquerque, inserto na «Bibliografia da Imprensa da Universidade», o artigo de Gonçalves Crespo incluído na revista «Renascença» (fascículo IV, 1878), o volume «Homens de Letras», de Cândido de Figueiredo e, mais recentemente, as memórias de Coimbra, do escritor António Cabral. E tudo quanto conhecemos.

Vamos agora às generalidades: João de Oliveira Penha Fortuna, nasceu em Braga a 29 de Abril de 1859. Tendo, possivelmente, iniciado estudos nesta cidade, seguiu mais tarde para Coimbra, matriculando-se na Universidade de Teologia. Quando apareceu na Lusa-Atenas, era um moço tímido. Porém, deixou-se contagi-

pelo meio, e acamaradando com os veteranos mais boémios acabou por superá-los com a sua graça espontânea e com as suas inatas tendências literárias, que já se revelavam superabundantemente.

Todos os que o conheceram estão de acordo em que João Penha marcou uma época na velha cidade dos doutores.

«Naquele tempo — conta-nos Gonçalves Crespo — os estudantes levavam em Coimbra vida tempestuosa e dissipada; Coimbra era a amplificação hilariante do célebre quadro de Velasquez «Os borrachos»: a aventura entrelaçava-se à comensal; o amor, à orgia; havia exuberância de força e de mocidade, e era preciso empregá-la fosse em que fosse.»

Penha, depois de perdido o inicial acanhamento, próprio no caloiro, firmou-se como a figura mais sem vergonha daquele ambiente folgazão. Dele provinham todas as iniciativas de grossa patuçada. Ele possuía perfeito conhecimento de todos os recantos escusos onde houvesse uma tasca para tresnoitar o grupo a que se associasse.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

PARA O ESPÍRITO PELA LÍNGUA

POR ALSÁCIA FONTES MACHADO

É UM facto averiguado que o homem de hoje procura agrupar-se com outros homens de iguais tendências, propende para associar-se com aqueles que se aproximam dos seus pareceres e com eles se une para defender princípios afins ou interesses comuns, que os irmanam.

E' assim que na sociedade actual se encontram grêmios, clubes e associações de toda a espécie, algumas delas no seio mesmo de outras agremiações, como departamentos ou núcleos com vida autónoma, embora subordinada. Por toda a parte deparamos com agrupamentos de indivíduos iguallados na mesma denominação: clubes desportivos, associações de socorros mútuos, corporações de bombeiros, academias artísticas e científicas, ligas de defesa da criança ou de profilaxia, associações de estudantes, sociedades de protecção aos animais ou de fomento e progresso de qualquer ideal, indústria, classe, etc.

Todos estes pequenos organismos, com seus estatutos e regulamentos sociais, revelam a necessidade de unificação que o homem sente para levar a bom termo a consecução de um desígnio, que a parábola do «bom pai» exemplifica no molho de varas, inquebráveis enquanto reunidas. Foi sentindo e compreendendo esta necessidade, que há 6 anos um punhado de homens cultos e inteligentes, norteados pelo mesmo objectivo, criou a Sociedade de Língua Portuguesa, que, como a sua designação indica, se destina à defesa e ao cultivo da língua que todos nós falamos. De facto,

há muitos anos já que, por incuria ou por ignorância, se nota a tendência para introduzir no nosso idioma vocábulos desnecessários, que a maleabilidade da língua permite, mas que a sua riqueza perfeitamente escusa. E, pior ainda do que a introdução de vocábulos estranhos, são os atentados à semântica, produzidos pela defeituosa construção da frase, a maior parte das vezes ocasionada por traduções imperfeitas, quase literalmente trasladadas do original.

Apesar, porém, do seu vasto

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

POR MARIA MANUELA NUNES

A propósito

No domingo fui visitar a sr.ª D. M. R., mulher do capitão F. Vou dizer porque fui lá.

A D. M. R., embora afastada da terra há longos anos, sabe tudo quanto por lá se passa.

Não se limita a saber. Não. Gosta de contar. E eu gosto de ouvir. Histórias de mulheres cujos maridos regressam do Brasil ao fim de vinte anos... Histórias íntimas («Fulano e Fulana não se dão bem porque...»). Histórias de homens que partem para a viagem (ela diz: «que partem viagem...») tremendamente apaixonados e quando voltam não querem mais saber das raparigas...

Bom, desta vez não enchi o saco. A D. M. R. estava neutra. Preocupada com a falta de notícias do marido. Mandou-me entrar para a salinha, estilomanuelino-lhavense; búzios, cavalos-marinhos, barcos à vela, (um deles metido, com mastros e tudo, numa garrafa de litro...), painéis votivos. Deparei com um retrato do capitão F. quando novo. Um rapagão. Bonito. Ainda com cabelo.

— Tal qual o que é hoje, não acha? — Perguntava-me, com um sorriso que não bastou para apagar a severidade do rosto. Fitei-a, agudamente, para ver se falava sério. Falava. Falava, posso garantir.

— Sabe? — e pôs na voz um jeito malicioso — as mulheres, lá fora, são muito gulosas dos homens portugueses...

Desatei a rir.

— Pois sim. Ria, ria. Eu cá sei...

E quase sem transição: — A propósito: em que dias chega o avião da América?

As pessoas adultas

O meu primo T., se lhes contasse a vida dele iam benzer-me três vezes e teimar que eram invenções minhas. Mas é a verdade, a pura verdade. Até soterrado esteve nas minas de volfrâmio. Uma semana, diz ele. Mesmo com desconto natural, ainda ficam dias suficientes para causar admiração. E outras coisas. Mas agora está bem. Casou, tem uma casinha. Parece que uma linda casa. A mulher dele fala das comodidades, casa de banho, gás, electricidade, qualquer dia telefone. Pois o meu primo T. nada disso lhe interessa muito. Os olhos brilhavam-lhe apenas para falar dos seus peixes encarnados.

— Fiz um tanque no pátio, um tanque assim...

E desenha. Complicado. Um rectângulo com os cantos em quarto de círculo.

Ao meio, um canteiro com flores. Os peixes circulam com respeito absoluto pelas regras do trânsito.

— As vezes passo a tarde inteira a tratar deles...

— É-diz a mulher — mal chega a casa, vai logo direito.

E sorri. Um sorriso brevemente trocista, mas compreensivo. O sorriso com que as pessoas adultas, geralmente, escutam a graça das crianças.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

SUBSÍDIOS AO PESSOAL DA INDÚSTRIA DE CONSERVAS DE PEIXE

O sr. ministro das Corporações e Previdência Social autorizou que ao pessoal eventual da indústria de conservas de peixe dos centros de Setúbal e de Sotavento e Barlavento do Algarve, fossem pagos, durante mais um mês, os subsídios normalmente atribuídos ao referido pessoal durante o período de defeso da pesca.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

VOLTAMOS AO PROBLEMA DA ASSISTÊNCIA AOS DOENTES

CONTINUA a estar na ordem do dia o problema da assistência a doentes no nosso país. É um assunto de alta importância, mas que parece estar mais descurado do que devia. E o grande mal será até que, de uma maneira quase geral, todos protestam quando lhes cai em casa, mas ninguém, até então, liga demasiado ao facto. Talvez que os portugueses vibrem mais com as pugnas do futebol ou do hóquei — que discutem acaloradamente — do que com aquilo que, na realidade, constitui os seus interesses materiais e corporais, por-

que culturais nem vale a pena falar nisso...

Assiste-se a um viver de egoísmo desenfreado. Ninguém pensa nos outros, e quando algo de anormal lhe bate à porta, também ninguém quer saber do caso. Cada qual que se avinha como possa.

Preocupam-se sobremaneira os grandes diários de cá... e de lá, com o casamento da Grace Kelly e do Rainier! quais os vestidos, as jóias, o penteado, o verniz das unhas, a cor das cuecas que usaria durante e após a cerimónia, e todos queriam saber, certamente,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O CAMPISMO EM FRANÇA

Como no resto do mundo, o campismo está a tomar enorme desenvolvimento em França.

No ano passado acamparamos nos diversos parques daquele país 1.700.000 campistas, esperando-se que este ano o número destes ultrapasse os dois milhões,

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. Hugo Drago, residente em Lisboa.

Fixou residência nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Vasco Nunes, estando a exercer clínica na rua da Princesa.

Encontra-se em Lisboa, de visita a sua família, o nosso estimado amigo e assinante sr. José de Lima, conceituado industrial na nossa vila.

Com pouca demora, esteve entre nós o nosso prezado assinante sr. António Mendes, residente no Montijo.

De visita a sua família, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. Álvaro Tenório da Silva Peres, residente no Barreiro.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Manuel Francisco de Assunção, residente em Almada de Ouro.

Com sua esposa, regressou de Lisboa, onde passou a época de Inverno, o nosso prezado amigo e assinante sr. cap. Joaquim Guilherme Travassos.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o sr. Manuel Bravo, nosso estimado amigo e prezado assinante em Cacela.

Com sua esposa, encontra-se a passar uma temporada na sua casa de Castro Marim o sr. António Cordeiro Marques da Costa, nosso prezado amigo e assinante naquela vila.

Esteve nesta vila, para assistir ao casamento de sua sobrinha, o nosso prezado assinante sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Falecimentos

D. Maria Teresa dos Santos Sopa No passado dia 19 de Abril, faleceu em Faro a sr.ª D. Maria Teresa dos Santos Sopa, de 61 anos de idade, esposa do sr. Joaquim dos Santos Sopa.

A extinta era mãe dos srs. António de Jesus Sopa, piloto da barra e rio Guadiana e nosso prezado assinante, Joaquim Mateus dos Santos Sopa, Justino Filipe dos Santos Sopa e João Pedro dos Santos Sopa.

A família enlutada, especialmente ao nosso prezado amigo sr. António de Jesus Sopa e «Notícias do Algarve» apresenta as suas condolências.

António de Sousa

No passado dia 29 de Abril, faleceu nesta vila o sr. António de Sousa, de 84 anos de idade, trabalhador, natural desta vila.

O extinto era casado com a sr.ª D. Augusta Camarada, e pai do sr. António de Sousa.

A família enlutada, o «Notícias do Algarve» endereça sentidas condolências.

APARELHOS DE RÁDIO

Marcas BUSH e TE-KA-DE

Uma maravilha da técnica — Inglesa e Alemã —

Visite e consulte a

Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Sto. António

PENTEADOS MODERNOS

NAS NOVAS LINHAS

EM PERMANENTES A FRIO, MORNAS E QUENTES

DESFRISA CABELOS ENCARAPINHADOS

TINTAS, CORTES, MISES, etc.

Executa pela técnica mais actualizada o

CABELEIREIRO ETELBERTO

ARTE — CONFORTO — PERFEIÇÃO

SALÃO LAUREA

Rua D. Pedro V, 5-1.º — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CALENDÁRIO

ABRIL

«Dias primaveris, um tempo bom, bonito, vai mostrar-nos Abril, pede-o quem vive aflito; se assim não suceder, o novo «Calendário», terá de aplicar-lhe o «trato» necessário...»

Se «gralhas» não houvesse, esta era a conclusão das cantatas a Março, o «Março-marçagão», mas as «gralhas» e Março estavam combinados e tal combinação não deu bons resultados...

Já a nona cantata o Março sabotava, se não fôra o convénio, eis como ela findava: «Ora digam-nos lá se a Março, a esta fera, cabia (em teoria) abrir a primavera!

Arrumada, entretanto, a invasão asnática, deixadas no lugar a rima e a gramática, abordemos Abril, sovemo-lo a valer, por ele não ter sido o que devia ser...

Antigamente, o mês, no mundo e entre nós, punha ponto final na invernia atroz; enchiam-se os jardins de risos e de flores, hinos à Natureza erguiam trovadores.

Toda a gente folgava, em alegrias mil quando, aturado o Março, alvorecia Abril; ia o campo formoso e o sol tinha por lema fazer, de cada tarde, esplêndido poema!

Hoje em dia, o Abril avança, armado em forte, escoltam-no o trovão, a chuva, o vento norte; vejamo-lo, porém, no que ao burgo respeite, talvez, por este prisma, algo se lhe aproveite...

Brindou-nos com a Páscoa, há a considerar, e não ficou em branco a questão do foliar... Abriu, com fraco jeito, outra safra pesqueira, mas na frota local meteu bela traineira.

(Foi espectáculo interessante e muito concorrido e sê-lo-ia melhor, se antes não tem chovido, o baptismo de mar dado à «Conceiçãozinha», com tanta apitadela e tanta bandeirinha...)

Falando sobre mar e no que à pesca toca, Abril chegou-nos mais à construção da doca, fez-nos saber também que em la ciudad hermana, se esperaba, con interés, el puente del Guadianal

Por fim, o dito mês, pleno de intuitos nobres, uma certeza trouxe: as casas para pobres; (não usasse ele, atrás, processos terroristas, começava, quem sabe, o parque dos campistas!)

Julgámos o Abril, ouçamos-lhe a defesa, dar-nos-á, depois disto, o réu qualquer surpresa? E deul: «Quereis, em Abril, encanto, majestade? Chamai-lhe, ao dia um, o Dia da Verdadel...»

E. DE CASSIM

CINE-POZ CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

Não mais pesadelos

Ainda há pessoas que, de quando em quando, dissertam sobre a inevitabilidade da guerra. Estão fora da realidade. Não vêem que todo o mundo quer viver em paz, trabalhar honradamente e honradamente conquistar a felicidade. Não vêem que os homens fitaram o pesadelo bem nos olhos e obrigaram-no a sumir-se nas cavernas nocturnas.

Na cidade

Um banco da Avenida. Um homem derrubado. Homem do campo. Tem nas botas, e nas calças de serrubeco liso nos silvados, manchas frescas de terra.

É noite. O homem dorme.

Segura debaixo da cabeça o sacco há pouco cheilo da merenda e de sonhos.

O homem dorme. É noite.

NOITE.

A vida é má para todos

O A. é comerciante. Importa artigos coloniais e o negócio, umas vezes bom outras vezes derrotado, sempre lhe vai dando para manter um alegre celibato.

Fiquei surpreendida quando, há dias, numa reunião familiar, o ovi insurgiu-se, com ardor, contra a avalanche de música ligeira americana que por aí estadeia. Eu, vendo o caso em boas mãos, e até porque gosto mais de ouvir que de falar, escutava-o com interesse. E no fim, ao tomar conta do «pick-up», vi que amorosamente escolhia um disco e, com mãos trémulas, o assentava no prato. Nada mais nada menos que a «Sonata ao luar» de Beethoven...

— Sabe? Quando ouço isto fico a tremer. Esqueço-me de tudo. Era capaz de levantar o registo e continuar eu próprio a melodia. Quer ver?



PROVINCIA

TAVIRA

Bibliotecas do Algarve

Com prazer, lemos no «Notícias do Algarve», em artigo de José dos Santos Marques, a necessidade de se intensificar a frequência de leitores nas bibliotecas do Algarve, e a oportunidade de falarem as entidades responsáveis sobre as referidas bibliotecas. Em Tavira, houve um benemérito que deixou a sua biblioteca à cidade. A Câmara Municipal tomou conta da mesma, arranjou a instalação respectiva e nomeou o bibliotecário correspondente. A referida biblioteca, bem como o museu que lhe fica anexo, encontram-se encerrados há muitos anos, e tudo o que ali há tem estado a estragar-se. Como pode produzir efeitos a Campanha do Alfabetismo nesta cidade, quando se coarta o direito de se instruir, lendo boas obras que não se podem comprar porque são caras?

Energia Eléctrica Gratuita

Lemos nos jornais da Capital, pela pena dos seus correspondentes, que a Câmara Municipal de Beja, a fim de conseguir que a parte comercial da cidade se apresente mais bem iluminada e alindada, resolveu conceder licença e energia eléctrica gratuitas para os anúncios luminosos que os comerciantes e industriais quisessem montar nas fachadas dos seus estabelecimentos. Lemos e pasmamos destas coisas. Aqui em Tavira sucede precisamente o contrário. Criam-se licenças proibitivas, para que o comércio não possa iluminar convenientemente as suas fachadas nem aliardar as mesmas, a exemplo do que se vê noutras terras, onde é tudo facilitado. E' por isso que os estabelecimentos comerciais apresentam as saas fachadas despidas de anúncios, como qualquer aldeia simplória.

Neurologia

Faleceu subitamente no Porto, onde residia, o sr. Arnaldo Bruno da Conceição, natural de Tavira, e que tantos anos aqui residiu. O falecido, que contava 51 anos de idade, era filho do sr. capitão Jacinto Augusto da Conceição, já falecido, e da sr.ª D. Gertrudes dos Mártires Laranjo Conceição. Deixa viuva a sr.ª D. Ermelinda de Jesus Conceição e era pai das sr.ªs D. Maria Helena de Jesus Conceição e D. Maria Stuart Conceição Pinto Salgado; sogro do sr. José Pinto Salgado e irmão das sr.ªs D. A'urea Conceição Pinto Barradas e D. Maria da Encarnação Conceição Viegas da Fonseca, e dos srs. Liberto Laranjo Conceição e Jacinto Augusto da Conceição, e cunhado das sr.ªs D. Maria Virgínia Barão Conceição, D. Maria da Glória Feliciano Conceição e do sr. Manuel Viegas da Fonseca. O seu funeral, que se realizou para o cemitério de Agramonte, foi uma sentida manifestação de pesar e causou grande impressão nesta cidade, onde o falecido era muito conhecido e estimado pelos seus dotes pessoais e pela simpatia que irradiava. A família enlutada, enviamos sentidos pesames. — E.

ANTÓNIO FRANCISCO PIRES CABANAS



A família de António Francisco Pires Cabanas, na impossibilidade de agradecer individualmente a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença, acompanharam o seu funeral e manifestaram por qualquer forma o seu pesar, agradece por este meio todas as manifestações de interesse e de simpatia recebidas.

Ergueu o braço do engenho e trauteou, numa voz desajeitada e fora de tom, os compassos a seguir. Muito sério, erguendo e baixando as sobranças ao compasso da própria voz.

A. comerciante rico. Um artista que não se exercitou. E eu penso que a vida é má não só para os pobres, para os privilegiados também. Também estes, no fim de contas, sofrem horribéis mutilações. O dinheiro serve-lhes, apenas, para iludir a consciência delas.

Maria Matueia Nunes

ODELEITE

Casamento

Realizou-se civilmente do dia 25 de Abril findo, o casamento da sr.ª D. Almerinda Faustino Ferreira, filha da sr.ª D. Maria Faustina e do sr. Filipe Rodrigues, já falecido, com o sr. Clemente José, filho do sr. José Custódio.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Alberto Manuel Francisco e D. Ana Rodrigues Faustino Barão, irmã da noiva, e por parte do noivo o sr. Jacinto José Pereira e Maria Joana Gomes.

Após a cerimónia retiraram-se para a terra natal do noivo, Funchosa, desta freguesia, onde foram passar a «lua de mel».

Aniversários

Nos dias 12 e 24 de Março, pretérito, completaram respectivamente, 38 e 23 anos de idade, os srs. Albertino Rodrigues, de Alcaria e António Dias Cavaco, de Odeleite.

Por ter completado 20 anos no dia 5 do corrente festejou tão feliz data a gentil e prendada menina Ana Maria Cavaco, filha do nosso amigo sr. Albertino da Silva Cavaco e de D. Glória Xavier Peres Cavaco.

Também completou 62 anos no dia 3 do corrente, a sr.ª D. Maria José Rodrigues. — E.

ALCOUTIM

Posto telefónico público

Encontra-se o posto telefónico público instalado numa casa comercial desta vila, a qual encerra às 21 horas, ficando a vila privada de comunicações telefónicas a partir dessa hora e até ao dia seguinte, o que é lamentável, pois de momento pode surgir uma urgente comunicação e haver funestas consequências, o que seria bom remediar a tempo. Assim, e por ser um melhoramento de urgência, apela-se para quem de direito no sentido de providenciar para que seja mantido permanentemente um posto telefónico público, sugerindo-se que o mesmo, a partir das 21 horas, seja instalado no posto da Guarda N. Republicana ou Guarda Fiscal, repartições onde durante toda a noite permanecem em serviço funcionários, que prontamente poderiam atender qualquer caso de urgência. — E.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos que estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 16.ª série e também de algumas que estão em atraso.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciem de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Aos nossos assinantes das Províncias Ultramarinas e do Estrangeiro, que tenham as suas assinaturas em atraso, pedimos o favor de nos mandarem as importâncias dos seus débitos, directamente ou por intermédio de pessoas de família residentes em Portugal continental.

Agradecimento

A viuva e filhos de Felizardo Correia Dourado, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença e bem assim às que lhe manifestaram o seu pesar e o acompanharam a sua ultima morada.

NOVO MÉDICO

Abriu consultório em Vila Nova de Cacela, o sr. dr. José Colaço Fernandes, distinto médico, dotado de excelentes qualidades e elevados dotes de inteligência.

A sua chegada a Cacela foi bem recebida pela população, e, por isso, tudo nos leva a crer que criará no meio um bom ambiente.

Fazemos votos pelas suas prosperidades no desempenho da sua nobre missão.

A tiragem e a expansão do «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem sempre a garantia duma útil e proveitosa publicidade.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOJA

de Vila Real de Santo António

De 28 de Abril a 4 de Maio:

TRAINEIRAS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Ramira (60.040\$00), Tólviz (56.340\$00), Triunfante (41.180\$00), Flor do Guadiana (40.190\$00), Tufão (31.820\$00), Brisa (28.900\$00), Lenita (22.085\$00), Rajada (18.640\$00), Pingum (17.480\$00), Deolinda Rita (17.200\$00), Tozé (16.700\$00), Sarda (14.900\$00), Portugal IV (13.170\$00), Estrela do Sul (9.780\$00), Pérola do Guadiana (6.780\$00), Lola (5.710\$00), Praia do Vau (5.000\$00), Leste (4.700\$00), Flor do Sul (4.480\$00), Oeste (4.370\$00), Audaz (4.100\$00), Farilhão (3.730\$00), Marisabel (3.240\$00), Portugal VI (3.120\$00), Salvadora (3.080\$00), Alvarito (2.920\$00), La Rose (2.230\$00), Levante (2.190\$00), Noroeste (1.200\$00), Agadão (1.070\$00), Persistente (885\$00). Total: 447.230\$00.

CERCO

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Amazona (12.310\$00).

Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 13 de Abril a 3 de Maio:

Table with 2 columns: Name and Details. Includes JAIME PEREZ, Espanhol, de 59 ton., de Centa, com folha para litografar; COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio; GOLFINHO, Rebocador Português e Batelão «Paredo», de 261 ton., de Lisboa, vazio; OBERHAUSEN, Alemão, de 1.812 ton., de Portimão, com carga em trânsito; ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio; TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; LATONA, Alemão, de 1.126 ton., de Lisboa, com máquinas para a Electro Fabril; COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio; COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Table with 2 columns: Name and Details. Includes ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério; OOSTZEE, Holandês, para Boness, com minério; JAIME PEREZ, Espanhol, para Aiamonte, vazio; OBERHAUSEN, Alemão, para Antuérpia e Hamburgo, com conservas e cortiça; COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério; ZE MANEL, Português, para Lisboa, com minério; TERCEIRENSE, Português, para Angra do Heroísmo, com sal; LATONA, Alemão, para Antuérpia e Bremen, com conservas, figos, amêndoas e cortiça; GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredo», para o Porto, com enxofre; COSTEIRO, Português, para Lisboa, com enxofre; COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 5 a 11 de Maio, a Farmácia CARILHO, Praça Marques de Pombal, Telefone 49.

VENDEM - SE

2 engenhos para nora, em estado de novos, prontos a entregar. Dirigir a Desidério Rosa — Vila Real de Santo António.

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

FOTO-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRVURA E DESENHO

ERRAR A INSTRUÇÃO DO POVO

é próprio do homem

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

e o teimar, do diabo: o problema da pesca desportiva, tratado em carta aberta dirigida a sua Ex.ª o Ministro da Economia e Deputados da Nação e inserta no último número de «DIANA», Revista de Caça, Pesca Desportiva e Hipismo.

Neste número, «Caça, Couts e Caçadores», pelo dr. João Maria Bravo; «Galgos e Lebres», pelo eng. Sebastião Perestrello; «Armas e Munições de Caça», por J. Cunha Pardal; «Protecção das Trutas», pelo cap. Tavares de Vasconcelos; «Corridas de cavalos na Marinhã», pelo cap. Miranda Dias; «Páira a Morte sobre o Minho» e toda uma série de artigos de caça, pesca desportiva e hipismo, versados por Jorge Alto Mearim, cap. Jorge Mathias, dr. Vítor Henriques, Juan Garcia, J. Leitão e Costa, Alberto Ideias e José Pedro Netto, na melhor revista portuguesa da actualidade. Assine «DIANA», a revista onde os melhores autores portugueses e estrangeiros das três modalidades dignificam e defendem o seu desporto preferido.

Assinatura semestral: 50\$00. Número avulso: 10\$00. À venda em todo o País. Pedidos para R. Saraiva de Carvalho, 84 — Telefone 665554 — Lisboa.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

ÁGUA PURA

Só a conseguirá comprando um filtro alemão PURIFY na

Agência Comercial e Marítima do Sul
TELEFONE 76
Vila Real de Santo António

VENDE-SE

Uma CASA na Rua Miguel Bombarda, 111.
Dirigir à Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 73 — Vila Real de Santo António.

DINHEIRO

15 contos, precisam-se para abrir em Vila Real de Santo António, uma botique de Confeccção de Fatos de Senhora, Homem e Criança.

Paga-se juro a 10% ou a combinar, oferecendo boa garantia.
Resposta a esta redacção.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Casino de Monte Gordo

Aceitam-se propostas para a exploração do CASINO OCEANO DE MONTE GORDO, durante a próxima época balnear, até às 15 horas do dia 30 de Maio próximo.

As condições encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara.

Vila Real de Santo António, 29 de Abril de 1956.

O Presidente da Câmara,
Dr. Alonso Vasques

A convicção e a sinceridade com que falei a João de Deus Ramos calaram de tal forma no seu espirito que, dois dias depois, regressei ao Algarve com o professor José Salazar e duas dezenas de Cartilhas Maternais para os alunos mais pobres.

Todas essas despesas correram de minha conta, sem o menor auxilio de amigos ou de correligionários.

A primeira missão das escolas móveis instalou-se nos Montes de Alvor, povoação rural, com crianças e adultos, em aulas nocturnas, para não prejudicar os trabalhos agrícolas.

A missão iniciou-se em Março e findou em Agosto de 1906. Foi um sucesso. E ao encerramento veio assistir o Dr. João de Deus Ramos, que presidiu, sendo secretariado por Manuel Teixeira Gomes e Jerónimo Negrão Buisel.

Existem ainda em Portimão fotografias do curso, tiradas por um fotógrafo amador.

Ali estão, ao centro, o filho de João de Deus, o escritor Teixeira Gomes e outros convidados. Assistiu também o inspector escolar António da Conceição Teixeira, que ao tempo residia em Faro.

João de Deus Ramos realizou nessa época confe-

Empregado de escritório

Oferece-se individuo c/ o Curso Commercial, sabendo estenografia, francês, inglês e dactilografia.
Resposta a este jornal ao n.º 50



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª
Vila Nova de Gaia

rências pedagógicas na sala do tribunal de Faro.

Desde então ficou com três amigos queridos nesta provincia: Teixeira Gomes, António da Conceição e quem estas linhas assina, sem falar, é claro, em outros amigos e velhos admiradores de seu pai.

João de Deus Ramos, ao tempo um alegre e elegante rapaz de 28 anos de idade, escrevia e falava com esmerada facilidade e, quantas vezes, o seu fino humor o levava a dizer o meu irmão Visconde ou o meu avô António Pedro, o Mal-governado...

O pensamento de Tomás Carlyle vivia dentro dele religiosamente: «O trabalho é uma cura para todas as calamidades e misérias que acometem a humanidade».

O seu espirito dinámico parecia conter a força magnética herdada de sua mãe aquela serena velhinha que eu conheci pessoalmente.

Quando o humorista se apagava, surgia a alma do pedagogo a explicar-nos os diferentes métodos de ensino, quando não era o poeta filosófico a recitar-nos:

A névoa que me envolve sobre o lodo deste mundo, e me arrasta consumido, Tão distante me traz do meu sentido, Que julgo errado o meu passado todo!

Outras missões das escolas móveis vieram depois para o Algarve, destacadamente para o concelho de Portimão, com resultados surpreendentes.

Depois, veio a República... Quatro partidos se organizaram, três republicanos e um socialista.

O partido socialista, sob a direcção do algarvio João Bonança, depressa foi pulverizado pelos três partidos republicanos. Estes, porém, desataram à taponar uns com os outros, com uma fúria diabólica e destruidora... A renovação pedagógica da opposição e a difusão do ensino popular morreram na casca como os pintos com a trovoada de Maio...

As lutas políticas no parlamento e na rua estagnaram o ensino e trouxeram a descrença aos portugueses que não viviam dentro das confrarias partidárias.

Passaram anos, muitos anos, mesmo. Uma lufada de instrução parece vir animar as novas gerações, atingindo as várias camadas do povo, deste povo que podia já todo saber ler escrever e contar...

O Algarve pretende igualmente beneficiar desta aragem renovadora de cultura, base primacial da perfeição da Suíça, da Holanda e da Suécia. Loulé e Portimão, duas terras das mais populosas do Sul, reclamam uma escola técnica e um liceu nacional — duas alavancas poderosas para instruir filhos, que irão, cedo ou tarde, correr e defrontar emigrantes tão ou mais adestrados que os portugueses.

Maços Algarvo

GRUPOS DE REGA

Wisconsin - Continental - National

Desde Esc.: 2.800\$00

Totalmente blindados
MECÂNICA SIMPLES
— ROBUSTOS —
Os mais económicos em
gêos e combustíveis
RENDIMENTO MÁXIMO

Para o seu caso consulte a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
— Telefone 76 —
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UMA INICIATIVA DA CASA DO ALGARVE JARDINS - ESCOLAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Neves Franco, José Fernandes Mascarenhas, Bartolomeu Guerreiro, Joaquim Grade e José Martins Ferreira; maestro Pavia de Magalhães, Arnaldo Martins de Brito e Jerónimo Gregório Marcos.

Apesar de longo, o programa da romagem foi inteiramente cumprido. Na recepção que foi dispensada aos visitantes na Câmara Municipal de Torres Vedras, trocaram-se saudações entre o presidente daquele Município, sr. Rogério Figueirôa Rego, e o sr. major Mateus Moreno.

Depois de uma visita ao Museu Municipal e Biblioteca, a caravana algarvia dirigiu-se à Igreja da Graça,

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Recebemos desta prestigiosa instituição o Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes à gerência de 1955.

Por este bem elaborado e extenso documento se verifica uma promissora melhoria nas actividades da Organização e seus rendimentos, pois, em relação ao ano de 1953, registaram-se, no ano a que o Relatório diz respeito: um aumento da receita ordinária de mais de 350 contos; um aumento de 5.000 sócios contribuintes; elevou-se o Fundo Social de 15.473 contos para 18.526 contos; e a população da Casa de Repouso subiu de 205 para 255.

Além da parte referente à Contabilidade, Estatísticas, etc., ainda este Relatório se refere circunstanciadamente aos movimentos da Casa de Repouso, Orfanato, Assistência Externa, Serviços Clínicos, Socorros Mútuos, Legados, etc., de forma a dar-nos uma completa visão do conjunto das múltiplas facetas da acção prestimosa e benemerente deste organismo de solidariedade entre os que labutam no Comércio Português.

A JUVENTUDE E O ULTRAMAR foi o tema de uma conferência do major Mateus Moreno na Sociedade de Geografia de Lisboa

O algarvio, que tanto tem contribuído para a valorização piscatória do Sul de Angola, não deve faltar também à chamada na hora da sua valorização agrícola

O sr. major Mateus Moreno, antigo director da Casa da Metrópole em Luanda e chefe dos Serviços de Imprensa junto do Governo Geral de Angola, realizou na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 27 do mês findo, em sessão promovida pela Secção Educativa daquela prestigiosa instituição, uma conferência subordinada ao tema «A Juventude e o Ultramar», a que presidiu o sr. almirante Magalhães Correia, ladeado pelos srs. comodoro Duarte Silva, dr. Francisco Cortez Pinto, eng. Jorge Jardim e dr. Júlio Gonçalves.

No referido trabalho, cuja apresentação teve numerosa assistência de escuteiros e de elementos representativos da colónia algarvia em Lisboa, o conferente, depois de enaltecer os serviços prestados ao Ultramar pela Sociedade de Geografia, nos seus 80 anos, e o patriotismo dos organizadores da sessão, srs. prof. Júlio dos Santos, eng. Nobre Santos e Antero Pacheco Nobre, analisou os fundamentos da actual organização metropolitana e ultramarina da juventude, bem como das novas directrizes da nossa política imperial de fomento, precisando, através de quadros estatísticos, a evolução cultural, económica e financeira do Ultramar.

Saltentou depois a necessidade de estudar os problemas da colocação das juventudes no quadro das possibilidades económicas e escolares ultramarinas, enaltecendo a obra grandiosa que o Governo está desenvolvendo em Angola a favor da tão necessária aplicação ali dos nossos excedentes demográficos.

De desejar se torna, por isso, que o algarvio, que tanto tem contribuído para a valorização piscatória do Sul de Angola, não falte também à chamada, na hora da respectiva valorização agrícola.

A sessão foi encerrada com a entrega solene de bandeiras ao grupo de Escuteiros da Sociedade de Geografia e a exhibição de vários filmes sobre o Ultramar Português.

onde foi reitor S. Gonçalo de Lagos, e onde tiveram lugar diversas cerimónias e missa, celebrada pelo rev. Joaquim Maria de Sousa, que, na homilia, proferiu uma emocionante prática em que pôs em relevo a carinhosa e patriótica iniciativa da Casa do Algarve.

Terminadas estas cerimónias, e por gentil oferta do sr. major Nascimento Moura, realizou-se na sua Quinta da Urgeirica, nos arredores de Torres Vedras, um banquete hospitaleiro — a «adiafa» de São Vicente —, em que, além dosromeiros, participaram as autoridades locais e outros convidados, tendo-se proferido diversos brindes.

Após o repasto, os visitantes concentraram-se no Castelo da Vila, onde o sr. major Nascimento Moura, no local onde existiu o Palácio e se reuniu em 1413 o Conselho de D. João I, para deliberar sobre a Tomada de Ceuta (1415), proferiu a sua palestra evocativa do acontecimento, que tanto lustre viria a projectar na participação do Algarve, com o Infante D. Henrique, na empresa dos descobrimentos.

Também o sr. dr. José de Sousa Carrusca, no Forte de S. Vicente, para onde se dirigiram depois todos osromeiros e as autoridades locais, proferiu uma erudita e emotiva lição sobre «S. Vicente e o Algarve».

Antes de se iniciar o regresso a Lisboa, o sr. major Mateus Moreno, ilustre presidente da Direcção da Casa do Algarve, apresentou às autoridades de Torres Vedras agradecimentos pelas atenções recebidas e formulou os melhores votos para que consigam realizar-se todas as sugestões feitas por diversosromeiros, nomeadamente a apresentada pelo sr. José Fernandes Mascarenhas, de se realizar no Algarve, em 1960, a comemoração do 6.º Centenário do nascimento de S. Gonçalo de Lagos, juntamente com a do 5.º Centenário da morte do Infante D. Henrique.

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 69 Apartado 3

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

CONFECCOES

Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Converter esse sonho em realidade, chamar para esse sonho a atenção dos Poderes Públicos e dos particulares, é uma tarefa gratíssima, embora árdua, que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social se propõe. Agitar por todos os meios — a conferência, o artigo, a conversa amigável — o momentoso problema da educação infantil. Mas só agitar sem pretensões rígidas, apontar-lhe uma solução possível e prática — o «Jardim-Escola».

É necessário resolver o problema da educação infantil. É necessário que se saiba também que esse problema pode ser resolvido pela criação de «Jardins-Escolas».

Os «Jardins-Escolas» não são caros, não se tornam pesados, e garantem uma educação que a escola particular actual não pode garantir, e que a família e a rua pervertem naturalmente.

Fernando Pitteira Santos

Festa a favor da Casa dos Rapazes de Faro

em Vila Nova de Cacela

Realiza-se hoje, dia 6, no Salão Cacelense em Vila Nova de Cacela, uma interessante festa em benefício da benemérita Casa dos Rapazes da cidade de Faro.

Do programa de variedades fazem parte os conhecidos acordeonistas José de Brito (Areiro) e seu filho, o apreciado cantor Idalécio Dias, o jazz-bandista José Relvas, os Irmãos Fantásias, na sua famosa harmónica de boca e outros números de agrado certo. No espectáculo toma também parte o animador farense, José Maria Pavão, e no final do Baile haverá uma valsa a prémio.

Espera-se grande concorrência, pelo fim benemérito e simpático a que esta festa se destina.

TRIBUNAL JUDICIAL Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

(2.ª Publicação)

Faz-se público que, por sentença de 25 de Abril de 1956, foi declarado em estado de falência António de Sousa Bonito, casado, comerciante, residente nesta vila, tendo sido fixado em 15 dias, contados da primeira publicação deste anúncio, o prazo para os credores reclamarem os seus créditos e nomeado administrador da massa falida o senhor José Cândido Monteiro, solicitador provisionário, casado, residente nesta vila.

Vila Real de Santo António, 25 de Abril de 1956.

O Chefe da Secção de Processos,
a) António Figueiras da Cruz
VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,
a) Francisco Nunes Correia

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

COMEMORAÇÃO de um aniversário é sempre motivo sério para a vida de qualquer mortal. De alegria e de ponderação...

O Lusitano, clube vilarrealense que ao desporto e à sua terra tem dado momentos de plena alegria e orgulho, esteve em festa. Quarenta anos!

Para assinalar a passagem desse aniversário, os actuais directores do Lusitano organizaram um programa interessante, que foi escrupulosamente cumprido.

Para além dos resultados das diversas provas desportivas que tiveram lugar por motivo desta festa, fica o quanto amor clubista representa tal comemoração, o quanto de desejo de que o clube possa tornar a ser grande, como já foi, no meio desportivo nacional.

Tendo escutado alguns oradores, dirigentes do clube aniversariante, pude observar quanto de entusiasmo os anima, quanto de fé clubista nos destinos da colectividade, que servem com tanta dedicação, os leva a prosseguirem, plenos de vontade e espírito de sacrifício!

ANTÓNIO ALEIXO

QUE foi um dos grandes trovadores portugueses, que tanto sofreu e amou, descendo no material o quanto subiu no espiritual, António Aleixo vai ser para sempre lembrado na sua terra adoptiva: Loulé.

O admirável poeta de «Quando começo a cantar» e de «Intencionalmente», que ficaria ignorado se o coração e a compreensão de outro poeta, dr. Joaquim Magalhães, o não revelasse, em hora tão feliz, nasceu nesta vila pombalina, creio que no chamado «Largo da Forca»...

Agora, Loulé, certamente dando razão ao malogrado poeta numa das suas belas quadras, tendo-o deixado quase completamente à mercê da adversidade, enquanto vida, vai perpetuar a sua memória num busto. E' autor de tal busto o conhecido e apreciado Sidónio — outro artista perseguido pela adversidade, a quem ninguém estende a mão, tão necessária, para a ajuda que lhe é tão precisa para viver!

Assim, Loulé passará a ter, dentro de algum tempo, uma permanente recordação do que foi tão grande poeta e tão desgraçado homem.

Atrevo-me, agora, a sugerir a quem possa compreender a necessidade desta sugestão e possa dar-lhe realização:

— Porque não se manda colocar, em qualquer lugar público, um busto de António Aleixo, na sua terra: Vila Real de Santo António? Tal facto seria uma honra para todo o vilarrealense que se preze. António Aleixo, que tão grande se vai tornando aos olhos não só dos algarvios; António Aleixo, que tão admirado vai sendo em todo o meio culto do nosso País; António Aleixo, que tanto entusiasmo está a despertar na América do Sul, onde o autor destas linhas tem espalhado as suas admiráveis quadras; António Aleixo merece que a sua memória seja relembrada, no mármore ou no bronze, aos filhos desta Vila Real de Santo António, como seu filho e grande poeta que foi!

Ojalá que também este alvitre não caia na indiferença de quem poderá dar-lhe a desejada e justa realização.

A BARRA DO GUADIANA

COM que desgosto não escutei eu, há dias, um exportador da nossa praça, na descrição que fez da situação actual da barra do Guadiana! Disse ele que um dos barcos em que costuma enviar os seus produtos vai deixar de aportar a Vila Real de Santo António, por a barra não dar entrada a vapores de certo calado!

Até parece mentira que tal se verifique! E, posteriormente, soube que já diversos vapores de carga, que antes aqui vinham receber alfarroba e cortiça, deixaram de demandar a barra do Guadiana, por impossibilidade, e agora recebem carga ao largo da costa, noutros portos algarvios!

Não haverá quem, representando as forças vivas de Vila Real de Santo António, possa fazer uma justa petição às autoridades com-

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

A VANTAGEM DE LER MEMÓRIAS

DEPOIS de Júlio Verne, que fez as delícias da nossa infância e há-de continuar, ainda por muito tempo, a entreter e a ilustrar muitas gerações de rapaziños, a literatura que mais nos prendeu, após longo convívio com Blasco Ibañez, Víctor Hugo, Camilo e Eça, foi a literatura de memórias. Antes, porém, bebermos na fonte lírica e pessimista de Vargas Vila, decoraram-se uns alexandrinos sarcásticos de Junqueiro e umas quadras mimosas de Campoamor e meditara-se com o humanismo frio de Spencer e com o outro mais enteneecedor de Michelet. Após esta longa caminhada em companhia tão séria e tão frutuosa — em tão boa companhia, digamos — quase ficámos impossibilitados de voltar ao convívio do romance ou da novela. Não é que nós — pobre escriba que transforma as letras em pão sem conseguir, contudo, a multiplicação deste — desdenhe-

O TEMPORAL ARRUINOU AS CULTURAS HORTÍCOLAS DOS NOSSOS CAMPOS

Em virtude da violenta trovoadas que produziu desastres pessoais nas Hortas desta freguesia, conforme notificámos no nosso número anterior, a abundante saraivada de granizo que caiu causou também a destruição completa das culturas hortícolas na quele arrabalde da vila. Tanto as tomateiras como o feijão, alface, pimentos e pepinos, cujo produto constituía o meio de vida quase exclusivo da maior parte dos cultivadores, ficaram perdidos, deixando-os arruinados.

Por tal motivo, os agricultores lesados pelo temporal constituíram uma comissão, formada pelos srs. João de Sousa Correia, Manuel Marques Belião Júnior e Francisco dos Santos, em representação de mais de 50 horticultores das Hortas, a fim de se avistarem com a Direcção do Grémio da Lavoura, em Castro Marim, para solicitar às Autoridades um auxílio que possa minorar o alcance dos prejuízos sofridos. Efectivamente, a maioria deles ficará impossibilitada de solver os seus compromissos com os estabelecimentos de crédito e não poderá também fazer face aos encargos de nova sementeira, o que representa a penúria para muitos lares.

No mesmo sentido foi igualmente enviada uma representação ao ilustre deputado pelo Algarve, sr. coronel Sousa Rosal, paladino detentor dos interesses desta província na Assembleia Nacional, a fim de que a sua justa petição de socorro oficial seja devidamente apoiada por aquele insigne deputado algarvio.

petentes! Isto para interesse não só desta vila como de toda a parte sul do nosso País.

Urge que tal seja levado adiante, se é que o nosso brio, se é que o interesse da terra carecem que tal realização possa ser uma realidade, tão indispensável a esta vila pombalina como o ar para quem respira...

JOSÉ DE LIMA

ESTE nosso conterrâneo tem tido exposto em Faro, numa das livrarias, um dos seus quadros: «Moendo»...

Com um bellissimo assunto de carácter local (uma mulher moendo milho, numa das «pedras de moer»), ele soube interpretar a forma intensa, dramática, das pobres moedoras...

Em parte depreciado, em parte elogiado, este trabalho do nosso conterrâneo revela um sentido de cor, de conjunto, de compreensão humana dignas de admiração. Ojalá não lhe fraqueje o ânimo para levar avante a realização do seu espírito de artista.

POCINHO DO RIO VERDE

Tantos fios de água parada pra formar o verde rio... (Foi pra lá a minha amada, lanço ao rio um desafio!)

O meu amor nos teus braços! Nem a brincar quero crer. Oh, rio, guarda bem teus laços nunca ma queiras prender!

Que ela sabe quem a espera, bela e simples, grande e pura! Se ma roubas, nasce a fera maré viva da amargura.

Agora sei: noite e dia vou sonhar com o verde rio. — Como perdi a alegria, lanço ao rio um desafio!

mas desses géneros literários. Reconhecemos-lhes méritos que não podem ser ultrapassados por outras modalidades de literatura. E o melhor depoimento que podemos fazer em abono do romance e da novela, da chamada literatura de ficção, é que a romancistas e novelistas devemos, em grande parte, aquilo que apagadamente somos.

Banida, pois, a suspeição de má vontade que levianamente se podia surpreender nas linhas anteriores, voltemos ao que importa, isto é, ao que se pretende dizer. Antes, porém, permita-se-nos um conselho e este destinado não aos moços da nossa idade, já claudicantes nos entusiasmos e parcimoniosos nas curiosidades, mas aos outros moços — os moços pequenos — que, por carência de recursos materiais e de escolas que os valorizem na sua capacidade intrínseca e na sua frutuosidade colectiva, têm de ficar com o mesquinho tesouro das poucas letras que lhes ofereceram para seu governo e sofrível convívio humano. E esse conselho resume-se: ler, ler muito, ladeando o mau, se for possível, e assimilando do bom todas as parcelas que tendam a avolumar o somatório de dignidade, de verdade e de bondade que não cabe na bitola mesquinha com que, no geral, se medem as equivalentes mediocridades que por vezes nos envergonham de nos termos emancipado das idades cavernosas do pitecantropus erectus.

Mas voltemos ao que importa dizer, e que nestas divagações com pretencioso ar pedagógico ainda não se disse e parece até querer dissimular-se. Já se deixou mencionado que se subalterizaram, na aparência, romancistas e novelistas. Mas só na aparência, porque o certo é que ambos, tanto os urdidores de novelas como os fabricantes de romances, têm méritos e recursos que nós, os de prosa seca e objectiva, não conseguimos alcançar. Eles gastam talento e tempo para darem o seu recado; nós, mais utilitários, resumimos fantasias e economizamos tempo. Daí que, viciados por este utilitarismo, nos tivéssemos distanciado até certo ponto da maravilhosa urdidura romanesca para cairmos, com o ruído e a inconvinência de quem se estatela, na frieza adusta da verdade sem arrebiques.

E da literatura de ficção desnívelámos-nos para aquela outra que despreza europeis berrantes e pirotécnia de imagens para exprimir um momento ou uma verdade. E assim caímos nas «Confissões», de Rousseau, ou nas similares que emparceiram em nudez, e consequentemente em causticidade, com as do prosador helvético. Os brincados da infância foram postos de parte, porque outros atractivos mais aliantes vieram depois. Victor Hugo, para nos definir Jean Valjean, gastou muitas páginas; Rousseau, para chamar tratante a quem o era, bastou utilizar o adjectivo. E daí a vantagem do suíço sobre o francês neste particular. No resto, não! Queremos nós dizer que catalogar, arrumar e publicar memórias tem enorme vantagem. Elas reduzem ás suas devidas proporções certos acontecimentos fabulosos e ilustram os vindouros sobre figuras que desfilaram aos nossos olhos com aureólas emprestadas por falsos conceitos e erradas suposições. Elas são, como no caso de Rousseau, um balanço do positivismo e do negativismo de atitudes aparentemente desnordeadas e equívocas. E' que sobre um charco de tibezas acaba por sobrenadar aquilo que a ética e a moral, implícitas aos povos, chancelou com o selo relevado da verdade. E daí o desmorroneamento moral, pessoal e transmissível de certas arquitecturas humanas incapazes de suportarem um abalo analítico. E' por isso, para documentação e precaução dos novos, que é muito conveniente, depois daquelas leituras romanescas ou novelescas, engodo das mentalidades desabrochadas, travar conhecimento com literatura despojada de enfeites, objectiva, histórica e na maioria dos casos verdadeira. E talvez nós um dia lhes possamos fornecer umas páginas desta literatura, sem acessórios inúteis e com alguns esclarecimentos que lhes ajudem a respeitar o que merece respeito e a desprezar o que outra coisa não merece senão desprezo. — J. B.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Uma crónica por semana

[CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA]

te, se o noivo seria gago ou canhoto, qual a marca de cigarros que fumaria ou a cor dos peúgos que calçaria nesse dia. Mas ninguém, absolutamente ninguém, se importará que o seu bom amigo (sempre disposto a emprestar-lhe algum dinheiro, nas horas de aflição) não tenha o tratamento adequado aos seus males. E os jornais, que tanto falaram do principesco casamento e que, para o relatar com maior ou menor fantasia gastaram milhões com os seus categorizados enviados especiais, não são capazes de encarregar um jornalista qualquer de fazer uma reportagem oportuna sobre a assistência. Frutos dos tempos.

Isto tudo vem a propósito de uma notícia publicada na última página do «Diário Popular», redigida por ignorado jornalista, na qual se relata o que aconteceu a um pobre homem da freguesia de Perre, lá para o Minho. Nesta terra quem avia os remédios é o merceiro! Não há engano, é mesmo o merceiro. Vai daí, o tal pobre homem, casado e com quatro filhos menores, precisou de bicarbonato de sódio e mandou buscá-lo ao merceiro, o qual lhe deve ter dado qualquer outra coisa que lhe provocou a morte. Só isto, apenas.

Claro que o homem não logrou a sorte de morrer logo, mas primeiro teve de esperar duas horas até que um particular, mais humano do que os amantes do futebol e menos egoísta que o vulgo dos mortais, o foi levar ao hospital de Viana do Castelo. Depois, como neste hospital não existe serviço de urgência nem médico permanente (não pasmem! Esta é a verdade: Viana do Castelo não tem estes luxos), novamente esperou mais de vinte minutos que o médico viesse! E no fim de todas estas peripécias, incredivelmente, morreu.

Que pensam as entidades oficiais de tudo isto? Feitos os comentários, achamos que não devemos privar os nossos leitores da notícia que o desconhecido jornalista escreveu para o «Diário Popular» e, portanto, ela aqui vai!

«Viana do Castelo, 24 — O sapateiro José Martins Caçada, de 43 anos, casado, residente na freguesia de Perre, deste concelho, como se achasse, ontem, mal disposto, mandou um seu filho menor buscar à mercearia da terra certa quantidade de bicarbonato de sódio, por ali não existir uma farmácia. E ingeriu o tal «bicarbonato de sódio», mas, momentos depois, sentiu dores tremendas na região abdominal.

A família, visto não existir ali telefone, perdeu duas horas à procura de alguém que conduzisse o paciente a esta cidade, até que, finalmente, apareceu um particular que o transportou, de automóvel, a Viana do Castelo.

Depois de entrar no hospital, a família teve que andar à procura de um clínico, pois aquele estabelecimento não tem médico permanente de serviço. Houve, assim, mais uma demora de 20 minutos. Entretanto, o sapateiro foi submetido a uma lavagem e ficou interado. Porém, poucas horas depois, faleceu. Deixa 4 filhos menores.

Supõe-se que o infeliz tivesse ingerido soda cáustica, o que será confirmado pela autópsia. Quer a falta de telefone na freguesia de Perre e, o que é mais grave, a falta de um médico permanente no hospital de Viana do Castelo, onde, como já se tem

PARA O ESPÍRITO PELA LÍNGUA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

alcançe nacional e humanístico, o labor desta sociedade, considerada de utilidade pública, tem decorrido no desconhecimento e no desinteresse da maioria da população portuguesa, porque a verdade é que para a mentalidade estagnada do nosso povo nunca uma organização desta natureza pode alcançar a projecção do Benfica ou do Sporting... Os seus programas culturais, com recitais literários e conferências linguísticas, históricas e científicas, realizam-se num ambiente restrito, quase familiar, de que os jornais apenas dão notícia em breves locais anunciativas ou pequenos relatos. Em regra, estas cousas destinam-se à pachorra dos sábios e à caturrice dos velhotes...

Vem tudo isto a propósito de um concurso de contos que a Sociedade de Língua Portuguesa organizou em fins do ano passado e que teve seu desfecho no começo de Março último, com a distribuição de prémios e menções honorosas aos classificados, no final de um sarau literário, efectuado na sede de Lisboa do grupo onomástico «Os Josés». Nesse concurso foram galardoados com os três primeiros prémios pecuniários e respectivos diplomas os contos: «Paus queimados», da sr.ª D. Judite Bordalo Machado; «O velho Piano», do rev. Horácio Monteiro, e «História da Menina Ladina», da autora destas linhas, seguindo-se com o 4.º e 5.º prémios os trabalhos das sr.ªs D. Célia M. Marques de Oliveira Pestana e D. Ludovina Frias de Matos. Foi uma noite encantadora, essa, de verdadeiro recreio espiritual, com o salão completamente cheio e os corações vazios de maus sentimentos, presos todos pelo fluído de arte e de beleza que tudo envolvia.

Muito contribuiu para isso a forma preparatória, para assim dizer, como o programa dessa noite foi organizado. A um pequeno discurso de abertura do presidente da Sociedade, sr. dr.

Raul Machado, seguiu-se um recital poético pela sr.ª D. Maria Teresa de Moraes Pestana, que pôs em vibração todas as fibras sensíveis da assistência com a declamação admirável de versos de Almeida Garrett, Gonçalves Crespo, Tomás Ribeiro, Casimiro de Abreu, (brasileiro), Florbela Espanca, Américo Cortês Pinto, Fernando Caldeira e Maria Teresa Andrade Santos.

De qualquer dessas poesias se deprendia um lirismo e um encanto adoráveis, onde os sonetos de Florbela puseram uma nota forte de emoção e dramatismo. Leves como flocos de arminho, palpitantes como asas em ziguezagues voláteis, os versos de Casimiro de Abreu desataram-se numa girândola de ritmos, de risos e suspiros, entretidos numa cadeia longa, difícil de reter na memória e de interpretar na paixão, na ansiedade e no desengano da «Valsa»:

Meu Deus! Eras bela, Donzela, valsando, sorrindo, fugindo, qual silfo risonho, que em sonho não vem! Mas esse sorriso, tão liso, que tinhas nos lábios de rosa formosa, tu davas mandavias a quem?! Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti! Quem dera que sintas... Não negues, não mintas... eu vil...

Estas notas, despretensiosas e justas, aí ficam, para regalo dos leitores que ainda se interessam por estas cousas intelectuais, perdidas nas mil pulsações disparadas duma grande cidade. Possam elas servir de estímulo para aqueles que procuram vagamente uma expressão mais alta da beleza e da inteligência, e de alento para esses que em silêncio e desprendidamente trabalham para prestígio da língua e da literatura pátrias, concisos dos seus deveres.

Alsácia Fontes Machado

JOÃO PENHA O AUTOR DE UM HINO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Ninguém sabia como ele — diz-nos ainda Gonçalves Crespo — onde havia o melhor vinho da Bairrada, onde se friga peixe com mais pericia, e onde melhor se esbarrondava (uma expressão dele) meia dúzia de ovos.»

As ceias, segundo parece, faziam-se invariavelmente noite após noite. Eram sempre animadas com dichotes, anedotas, discussões literárias e, até, duelos poéticos, com versos de improvisos escritos nas paredes pelos contentores. Grande parte dessas produções perderam-se debaixo do pincel da cal. Porém Gonçalves Crespo salvou todos os improvisos duma luta travada entre Penha e Guerra Junqueiro; luta furiosa onde não houve vencedor. Para amenizar um pouco a aridez desta crónica, vamos transcrever um dos botes de Penha:

Junqueiro, que vens de junco Tu, que és passaro bisnau, Não abres o bico adunco? Pois não me sentiste o pau?

E a isto replicou Junqueiro, escrevendo também na parede:

DONATIVO

Pelo nosso prezado amigo e estimado assinante sr. António Cordeiro Marques da Costa, dedicado Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Castro Marim, foi-nos entregue a quantia de 60\$00 para os nossos pobres. Em nome dos contemplados, agradecemos àquele nosso amigo o seu generoso donativo.

TAXA MILITAR

Termina no dia 31 de Maio o prazo voluntário do pagamento da taxa militar do ano de 1956, da importância de 60\$00. No caso de não se efectuar dentro do referido prazo, serão os contribuintes sujeitos ao pagamento de 120\$00, de 1 de Junho a 31 de Dezembro, seguindo-se depois o relaxe.

verificado, as vítimas de desastres aguardam longos minutos pela chegada de um clínico, agravaram o estado do doente, impedindo que fosse socorrido com a presteza necessária. Parece que a tal mercearia costuma aviar certos medicamentos, o que, a confirmar-se, é absolutamente ilegal.

José dos Santos Marques

O Penha borracho Corria cantando No dorso dum macho Mas eis senão quando A besta o estira Na lama da praça; Quebrou-se-lhe a taça Quebrou-se-lhe a lira, Quebrou-se-lhe tudo. E o pobre Oliveira Só não diz asneira Quando fica mudo.

Era uma luta sem quartel! Valia tudo! Mas eram adversários um para o outro. João Penha era formidável no epigrama, no dichote rimado e no soneto, onde, com sublime arte, zurzia os que não estavam nas suas graças. O escritor António Cabral a pág. 252 do seu livro «Tempos de Coimbra», revela-nos que o dr. Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco, por alcunha Pedro Penado da Rocha Calhau, mereceu do poeta um soneto, que tem tanto de magistral como de humilhante. Ora veja o leitor a perfeição dos versos:

É vimos uma forma horrenda e bruta Surgir do lodo vil com gesto irroso, Como outrora, no cabo Tormentoso, O velho Adamastor da barba hirsuta. — Quem és tu? eu lhe disse — «Baf-[do, escuta,

(Bramiu com voz ingente e desdenhoso) Eu sou no espaço infinito e luminoso O verbo ideal da estupidéz corrupta.

«Natterra sou Penado; e o mar violento, O mar das ciências vãs da humanidade, Já quis vencer-me e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos naquela obscuridade O cântico dum trémulo jumento: — Era o preito da terra à imensidade!

Não foi por infundados méritos que João Penha se celebrou na boémia e na poesia de Coimbra. Por mais duma vez, Guerra Junqueiro lhe pagou quadras a 6 vinténs cada uma. E destas, algumas foram as do hino da filarmónica de Vila Real de Santo António. Os versos tinham sido encomendados a Guerra Junqueiro. Mas quem os fez foi João Penha! Nem mais nem menos, leitor amigo. Consulte você o artigo, citado atrás, de Gonçalves Crespo e... verá que tenho razão.

J. Silva Carvalho

Visado pela Comissão de Censura

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa Algarvia!